

PIB

Desaceleração preocupa

Governo comemorara crescimento de 2024, mas entidades empresariais alertam para o desaceleração deste ano

» ROSANA HESSEL

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Geraldo Alckmin (PSB), e a ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, comemoraram ontem, nas redes sociais, o crescimento de 3,4% no Produto Interno Bruto (PIB) de 2024. Enquanto isso, entidades patronais enviaram nota demonstrando preocupação com a desaceleração da atividade econômica que já está contratada para 2025 e, provavelmente, para 2026.

"PIB crescendo é mais emprego e renda na mão dos brasileiros e das brasileiras. 2025 é o ano da colheita", escreveu Lula em seu perfil do X, antigo Twitter. Na mesma rede, Alckmin festejou: "É o Pibão do presidente Lula! O Pibão da Nova Indústria Brasil!", escreveu o executivo, destacando a política voltada para a indústria nacional conduzida por ele frente ao Mdic e o avanço de 7,3% no investimento produtivo e garantiu que o país caminha para o crescimento sustentável.

A ministra do Planejamento, por sua vez, também festejou o resultado divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nas redes sociais, e destacou para o dado da renda per capita, que cresceu um pouco menos do que o PIB nacional, que somou R\$ 11,7 trilhões. "Boa notícia! O PIB per capita do Brasil em 2024 foi de R\$ 55.247,45. Cresceu 3% em termos reais. Isso equivale a

Marcelo Ferreira/CB



Sidney, da Febraban, alertou que a atividade econômica acomodou

R\$ 4.604 por mês por habitante. Significa aumento da renda média do brasileiro. Agora é seguir avançando, combatendo a inflação para baratear o preço dos alimentos", escreveu Tebet, no X.

Enquanto isso, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, foi mais contido, cumpriu agenda da semana longe de Brasília e só se pronunciou sobre o PIB à noite. Em entrevista ao podcast Flow, único compromisso oficial ontem, ele afirmou que a pasta projeta crescimento de 2,5%

neste ano, acima da última previsão oficial, de 2,3%.

Desaceleração

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) demonstrou preocupação com o processo de desaceleração do PIB no último trimestre do ano, que registrou variação de 0,2%, mas elogiou as medidas do governo para o setor produtivo. Para a instituição, esse resultado indica "um cenário de alerta para 2025" e ainda

Ed Alves/CB/DA.Press



Ricardo Alban, da CNI, chamou atenção para o equilíbrio fiscal

defendeu que o governo adote medidas para o equilíbrio econômico e que contribuam para a racionalidade dos gastos públicos. "Precisamos buscar o equilíbrio fiscal, com atenção às despesas, uma vez que a carga tributária já está no limite, principalmente para o setor industrial que é o mais sobrecarregado do país em relação a tributos", disse o presidente da CNI, Ricardo Alban, na nota.

A Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) engrassou

o coro e defendeu a adoção de uma reforma fiscal robusta para uma alocação mais eficiente dos recursos públicos. "Este é o primeiro passo para a construção de um Estado eficiente, com infraestrutura de qualidade e um ambiente de negócios favorável. Caso contrário, voltaremos à combinação perversa de crescimento mediano, alta inflação e juros elevados", afirmou o economista-chefe da Firjan, Jonathas Goulart, no comunicado. O presidente da Federação



Precisamos buscar o equilíbrio fiscal, com atenção às despesas, uma vez que a carga tributária já está no limite, principalmente para o setor industrial que é o mais sobrecarregado do país em relação a tributos"

Ricardo Alban presidente da CNI

Brasileira de Bancos (Febraban), Isaac Sidney, também demonstrou preocupação com o processo de desaceleração da atividade. Ele lembrou que, apesar das previsões modestas no começo do ano passado por analistas e agentes econômicos, o resultado do PIB de 2024 foi robusto, "confirmando o bom desempenho da atividade econômica", os dados mais recentes da economia, incluindo os do PIB 4º trimestre de 2024, "já mostram sinais mais claros de acomodação da atividade econômica". "É importante não perdermos de vista que temos de persistir no recuo dos impulsos fiscais por conta da necessidade imperiosa de fortalecermos o equilíbrio das contas públicas, condição para o Brasil alcançar patamares de juros estruturalmente menores", defendeu Sidney.

GUERRA COMERCIAL

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



Segundo o chanceler Mauro Vieira, técnicos dos dois países se reúnem na próxima semana

Brasil e EUA discutem tarifas

O ministro das Relações Exteriores (MRE), Mauro Vieira, informou, ontem, que representantes de Brasil e Estados Unidos farão reuniões técnicas entre a partir da próxima semana para discutir o aumento no imposto de importação anunciado pelo presidente norte-americano, que afeta o comércio entre os dois países. Desde que Trump fez o anúncio, em fevereiro, em meio à expectativa de imposição de sobretaxas dos EUA sobre produtos brasileiros o governo brasileiro tem tentado dialogar com o segundo maior parceiro comercial.

A agenda foi acertada em reunião entre Vieira e o representante do Comércio dos Estados Unidos, Jamieson Greer. De acordo com a assessoria de imprensa do Itamaraty, a conversa durou cerca de 40 minutos e ambos fizeram "um balanço geral positivo sobre o comércio bilateral". Em relação às tarifas para o setor de aço e de alumínio e futuros anúncio do governo do republicano Donald Trump envolvendo reciprocidade no

comércio bilateral, ambos concordaram que "técnicos dos dois países reúnam-se, virtual e presencialmente, a partir da semana que vem para discutir essas questões".

Pauta bilateral

Na quinta-feira, o vice-presidente e ministro da Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin já havia conversado, por videoconferência, com Greer e com o secretário de Comércio norte-americano, Howard Lutnick. O diálogo abordou a pauta bilateral e as políticas tarifárias dos EUA. "Ambos concordaram em manter, nos próximos dias, reuniões bilaterais. Durante a conversa, foram destacados os resultados da balança comercial, apresentados os detalhes da política tarifária recíproca e houve convergência quanto aos aspectos positivos da relação entre o Brasil e os Estados Unidos", informou a nota do Mdic.

Segundo o comunicado, o vice-presidente "considerou positiva a conversa" e acredita que, por

meio do diálogo, "será possível chegar a um bom entendimento sobre a política tarifária e outras questões que envolvam a política comercial entre os países".

Conforme os dados da pasta, a corrente de comércio entre os dois países é de cerca de US\$ 80 bilhões, com um superávit de US\$ 200 milhões para a balança norte-americana. Além disso, dos 10 produtos que o Brasil mais importa dos Estados Unidos, oito a tarifa é zero. "A tarifa média ponderada efetivamente recolhida é de 2,73%, bem abaixo do que sugerem as tarifas nominais", acrescentou a nota sobre a videoconferência, que durou 50 minutos.

Reciprocidade

Na terça-feira, Trump, anunciou que a partir do próximo dia 2 de abril, o país colocará em ação um novo sistema de tarifas recíprocas. "Tudo aquilo que os países nos tributem, nós os tributaremos de volta", disse, citando, entre os países que praticam taxas elevadas, o Brasil. (RH)

PROMOVENDO INCLUSÃO DF

INSCRIÇÕES ABERTAS — CAMINHADA / 5KM / 10KM

INCLUSÃO

23 DE MARÇO

EM COMEMORAÇÃO AO DIA INTERNACIONAL DA SÍNDROME DE DOWN

7h

bit.ly/CorridaOlgaDF2025

ABRACE ESTA CAUSA!

www.olgadf.org.br

ESCANEE E INSCREVA-SE!

[@InstitutoOlgaKos](#)
[InstitutoOlgaKos](#)
[/InstitutoOlgaDF](#)
[/OlgaDF](#)
[@InstitutoOlgaDF](#)
[/InstitutoOlgaDF](#)

Condomínio Edifício Serra Dourada, Setor Comercial Sul / Bloco C Quadra 2, Lote 22 - Salas 401 a 409 - Asa Sul - Brasília - DF / Telefone: (11)3081-9300